

Matosinhos: Entre o Betão do Porto e a Alma do Mar

written by Paulo Moreira | 17 de Março, 2026

OCIDADÃO
Journalism Online

OPINIÃO
Paulo Moreira



Dizem que o progresso não se trava, mas em Matosinhos parece que ele se mede pela sombra. O

novo plano de ampliação do Terminal de Contentores de Leixões promete-nos o futuro, mas um

futuro que, curiosamente, tem 80 metros de altura, é feito de aço e vem tapar o horizonte a quem cometeu a ousadia de querer viver junto ao mar.

É fascinante a lógica da “eficiência”, temos o privilégio de ter o melhor peixe do mundo e uma

orla costeira que é o recreio das famílias do Grande Porto.

Mas, aparentemente, o que nos faltava

para a felicidade plena eram mais umas centenas de contentores empilhados, servindo de biombo

entre a cidade e o Atlântico. Quem não sonhou em mergulhar na

Piscina das Marés, joia de Siza Vieira, com a visão poética de uma muralha de metal a erguer-se ali ao lado? Ou quem sabe, ver o icónico Farol de Leça, que outrora guiava navegantes, agora a tentar competir em protagonismo com guindastes gigantescos?

Dizem-nos que isto trará emprego e até uma nova marina. É uma ideia curiosa, teremos barcos de recreio a tentar encontrar o seu espaço num cenário de “David contra Golias”, onde o lazer das famílias sobrevive à sombra de gigantes logísticos.

Na Europa que gostamos de citar nos relatórios, os portos modernos escondem-se, enterram o tráfego e devolvem as frentes marítimas às pessoas. Por cá, preferimos o estilo “monumental”: se é para expandir, que se veja de Marte. Que se note na desvalorização de quem investiu a vida numa casa com vista para o mar e passará a ter vista para um armazém vertical.

Convém perguntar, que tipo de cidade queremos deixar? Uma plataforma logística gigante onde as pessoas são meros figurantes entre camiões, ou um lugar de lazer onde as famílias podem passear sem ter este “monstro” a vigiar cada passo?

A nossa identidade é feita de salitre, surf e gente, não de logística e pórticos. Se o progresso exige que asfixiemos a alma da cidade para alimentar o terminal, talvez o problema não seja a falta de espaço, mas sim a falta de visão.

Matosinhos e Leça não podem ser apenas o “quintal de descargas” do Norte. Afinal, entre um Porto que engole a cidade e uma Cidade que vive do seu Porto, a escolha deveria ser óbvia. A menos, claro, que o plano seja substituir o nosso famoso peixe por conservas de betão.